



Universidades Lusíada

Costa, Alcides Vieira

Gestão do desporto : a dimensão política do Movimento Olímpico

<http://hdl.handle.net/11067/738>

<https://doi.org/10.34628/2z0j-f628>

Metadados

Data de Publicação	2013
Resumo	A dimensão política do Movimento Olímpico internacional foi, ao longo da história do desporto moderno, por muitas vezes, negada em defesa do apolitismo desportivo. Entretanto, o que os fatos históricos evidenciam é que o desporto sempre esteve envolvido em questões políticas e sofreu diversas influências e manipulações, como é o caso do uso do desporto para promoção do nacionalismo e a ameaça ou efetivação de boicotes aos Jogos Olímpicos. Neste sentido, este texto tem por objetivo apresentar uma...
Palavras Chave	Olimpíadas - Aspectos políticos
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 09 (2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T09:47:28Z com informação proveniente do Repositório

**GESTÃO DO DESPORTO:
A DIMENSÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO OLÍMPICO**

Alcides Vieira Costa
Universidade Lusíada de Lisboa
professoralcides@yahoo.com

ÍNDICE

1. Introdução
 2. Metodologia
 3. A dimensão política do Movimento Olímpico
 4. Nacionalismo
 - 4.1 Adolf Hitler, John Kennedy e Pierre Trudeau
 5. Boicotes
 - 5.1 Moscovo (1980)
 - 5.2 Los Angeles (1984)
 - 5.3 Pequim (2008)
 6. Considerações finais
- Bibliografia

Resumo: A dimensão política do Movimento Olímpico internacional foi, ao longo da história do desporto moderno, por muitas vezes, negada em defesa do apolitismo desportivo. Entretanto, o que os fatos históricos evidenciam é que o desporto sempre esteve envolvido em questões políticas e sofreu diversas influências e manipulações, como é o caso do uso do desporto para promoção do nacionalismo e a ameaça ou efetivação de boicotes aos Jogos Olímpicos. Neste sentido, este texto tem por objetivo apresentar uma análise sócio-histórica de cunho qualitativo que evidencie a relação entre o desporto e a política. A pesquisa que estruturou este texto foi uma análise documental que incluiu as 122 Atas das Sessões do Comité Olímpico Internacional (COI) disponíveis até o momento e realizadas entre os anos de 1894 e 2011. Os resultados evidenciam a estreita relação entre o desporto e a política em três perspetivas. A primeira evidencia esta relação a partir das relações e posições políticas dos Presidentes do COI; a segunda perspetiva apresenta o uso do desporto como ferramenta política para fins nacionalistas; a última perspetiva que sustenta estes resultados apresenta a efetivação ou a ameaça de boicote aos Jogos Olímpicos como uma ferramenta política bastante utilizada ao longo da história. Por fim, conclui-se que o desporto e a política possuem uma estreita relação e que tal fato pode ser benéfico, caso as pessoas envolvidas com o desporto, principalmente os gestores do desporto, saibam gerir as mais diversas situações em benefício do desenvolvimento do desporto e da sociedade.

Palavras-chave: Desporto / Política / Movimento Olímpico / Gestão do desporto / Jogos Olímpicos.

Abstract: The political dimension of the international Olympic Movement has been, throughout the history of modern sport, for often, denied in defense of non-relationship between sport and politics. However, what the historical facts show is that sport has always been involved in political issues and suffered various influences and manipulations, such as the use of sport to promote nationalism and the threat or execution of boycotts. Thus, this paper aims to present a socio-historical qualitative analysis that evidences the relationship between sport and politics. The research that has structured this text was a documentary analysis that included 122 Minutes of the Sessions of the International Olympic Committee (IOC) available to date and performed between 1894 and 2011. The results show the close relationship between sport and politics in three perspectives. The first evidence of this relationship comes from the relations and political positions of Presidents of the IOC; the second perspective presents the use of sport as a political tool for nationalistic purposes; the last perspective that underpins these results shows the boycott of the Olympics as a political tool widely used throughout history. Finally, it is concluded that sport and politics have a close relationship and that this fact can be beneficial if the people involved with the sport, especially managers of sport know how to manage the different situations in favor of development of sport and the society.

Key-words: Sport / Policy / Olympic Movement / Sport management / Olympics.

1. Introdução

Com o advento dos Jogos Olímpicos¹ (2016) e a Copa do Mundo (2014), o Brasil está no centro das atenções mundiais em muitos aspetos. A evidência mediática dada a estes megaeventos é notável e com ela surge uma importante oportunidade para que os mais diversos setores da sociedade exponham as suas reivindicações ou imponham as suas posições políticas. O que se pode evidenciar, a partir do quadro histórico do mundo do desporto, é que os Jogos, o Movimento Olímpico e o Comité Olímpico Internacional (COI) sempre estiveram envolvidos nas mais diversas questões políticas².

A questão que se levanta é que, ainda hoje, persiste um tabu de que o desporto não deve se relacionar com questões políticas e as questões políticas não devem interferir no desenvolvimento do desporto. Este discurso “politicamente correto” do mundo do desporto, à revelia da realidade de todos os dias, sempre recusou a existência de qualquer contato do desporto com a política e vice-versa, defendendo o designado “apolitismo desportivo”, como se qualquer atividade humana pudesse ser realizada à margem do sistema político (Costa et al., 2011). Como refere Pires (2009), a atribuição da organização dos Jogos da XXIX Olimpíada a Pequim, em 2001, mais uma vez, trouxe à tona a problemática da utilização política do desporto que, recorrentemente, atinge a comunicação internacional e as preocupações de muitos dirigentes desportivos. Contudo, independentemente de somente em determinados momentos as questões políticas relativas ao desporto poderem merecer a atenção social, o fato é que, de acordo com Boniface (2006), as mais diversas ideologias, da esquerda à direita e a generalidade dos regimes políticos, embora não o admitam, sempre que lhes convém utilizam o desporto como uma arma política, tanto interna como externamente.

Slack e Parent (2006) defendem que no ambiente organizacional do desporto,

1 O termo Jogos Olímpicos, muitas vezes, será substituído pelo termo Jogos, tendo por objetivo facilitar a leitura. Quando se tratar de algum outro evento associado ao termo Jogos, o mesmo terá uma maior descrição. Ex: Jogos Regionais.

2 Política neste trabalho será considerada como a ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados e a aplicação desta ciência aos assuntos internos da nação (política interna) ou aos assuntos externos (política externa).

a política surge como um dos setores do ambiente geral, que são os setores que, embora não tenham um impacto direto nas organizações desportivas, podem a influenciar, como é o caso dos governos no sistema desportivo. Sustentando esta posição, evidenciam-se as influências políticas que tiveram os Comitês Olímpicos Nacionais (CONs), os Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos (COJOs), as Federações Nacionais (FNs) e até mesmo as Federações Internacionais (FIs), ao longo de sua história, no que tange a organização dos Jogos Olímpicos. Os casos mais notáveis terminaram em boicotes, como ocorreu nos Jogos de Moscovo (1980) e Los Angeles (1984), quando um grande número de países não participaram dos Jogos por motivos políticos (Hill, 1992).

Arnaud e Riordan (1998) sustentam a posição de Hill (1992) ao esclarecerem que, devido a crise política entre duas Nações, o desporto internacional pode ser utilizado como: propaganda, já que as vitórias das equipas nacionais reforçam a imagem e respeito pelo país; boicote das equipas nacionais em competições internacionais; ou instrumento de nacionalismo através expressão da rivalidade entre países nos campos do desporto.

A partir do contexto delineado anteriormente, este texto tem por objetivo apresentar uma análise sócio-histórica da relação entre o desporto e política, construindo um documento que sirva de subsídio teórico para que as pessoas envolvidas no desporto e, principalmente, os gestores do desporto estejam cientes da influência recíproca destes importantes setores da sociedade, que, muitas vezes, utilizam diferentes contextos para fins antagônicos, como é o caso dos megaeventos desportivos.

Na busca por atingir o seu objetivo, o texto está dividido em 4 partes principais. A primeira apresenta a metodologia utilizada, uma análise documental de cunho qualitativo na perspetiva sócio-histórica. Os resultados são apresentados nas três partes seguintes. Em “A Dimensão Política do Movimento Olímpico” é apresentada uma contextualização das relações entre o desporto e a política tendo como referência os Presidentes do COI. Em “O Nacionalismo” são apresentados alguns casos que evidenciam a manipulação do desporto para este fim, estando esta parte subdividida em dois, “Os Jogos Olímpicos e os Países” e “Adolf Hitler, John Kennedy e Pierre Trudeau”. A última parte dos resultados “Os Boicotes” apresenta outra forma de manipulação política do desporto, utilizada, principalmente, para defender posições nas relações internacionais. Por fim, nas considerações finais é retomado o tema em uma perspetiva transversal.

2. Metodologia

A pesquisa que estruturou este texto foi uma análise documental de cunho qualitativo em uma perspetiva sócio-histórica. A análise documental incluiu as 122 Atas das Sessões do COI disponíveis até o momento, realizadas entre os anos de 1894 e 2011. Cabe esclarecer que é nas Sessões do COI que se reúnem

os membros da instituição, que são os seus representantes em todo o mundo, além do Presidente, Vice-presidentes, Comissão Executiva, demais comissões e convidados. O paradigma de pesquisa teve por objetivo, para além de apurar os fatos, compreender as mudanças, quer dizer, as transformações que ocorreram ao longo da história do COI e do Movimento Olímpico. Assim, foi possível compreender a realidade como sendo a construção de múltiplos sujeitos em interação com ela.

A análise de conteúdo documental, ao seguir uma metodologia de pesquisa qualitativa sócio-histórica, permitiu, a partir dos aspetos concretos dos fenómenos estudados, avançar para uma explicação mais profunda daquilo que se entende ter ocorrido ao longo das grandes mudanças que caracterizaram as transformações no Movimento Olímpico. Ao focar-se nos fatos, foi possível elaborar análises críticas e explicações, complementando a descrição com a explicação, dando ênfase à “compreensão dos fenómenos a partir de seu acontecer histórico e na sua totalidade social” (Freitas, 2003 p.6).

Neste sentido, na procura de novos significados, a pesquisa transformou-se em uma relação entre sujeitos, quer dizer, dialógica, onde o pesquisador se integrou profundamente no objeto pesquisado, tendo em atenção os contextos económicos, sociais, culturais e políticos que caracterizaram cada momento em questão. Neste sentido, assume-se uma perspectiva de totalidade do fenómeno estudado, um corte transversal de 117 anos, que considera as componentes do contexto histórico e social em suas interações e influências recíprocas. Neste texto, busca-se, muito mais do que obter resultados, compreender os acontecimentos, já que os fenómenos humanos devem ser estudados considerando o processo de transformação e mudança em que estão inseridos, ou seja, a sua condição sócio-histórica.

A dimensão política do Movimento Olímpico

Quando se verifica o contexto histórico e social em que Pierre de Coubertin³ esteve inserido ao institucionalizar o Comité Internacional dos Jogos Olímpicos⁴, em 1894 e ao desencadear a realização dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896 é possível evidenciar que ele deveria ter plena consciência da necessidade de uma adequada gestão das questões políticas de seu tempo. Muito embora o discurso construído à volta do pensamento de Coubertin, tradicionalmente, tenha estado muito mais preocupado em afirmar as suas virtudes de pedagogo, o que se defende é que o fundador dos Jogos da era moderna sempre teve a ideia de que o seu projeto só teria êxito se ele soubesse

³ Pierre de Frédy (1863-1937), mais conhecido como Barão de Coubertin, foi o segundo Presidente do COI, de 1896 a 1925. Foi o responsável pela institucionalização do COI, em 1894 e pelo restabelecimento dos Jogos Olímpicos na era moderna, em 1896. In: <http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=presidents> Consultado em 15 de julho de 2013.

⁴ Era esta a designação do atual Comité Olímpico Internacional.

utilizar com eficiência a política.

Uma posição que sustenta esta perspectiva vem do fato de que Coubertin entendia a cultura desportiva dos atletas como suscetível de provocar profundas transformações sociais (Costa, 2012). Segundo McIntosh (1975), ele tinha do desporto uma ideia política.

Não há dúvida de que o Barão de Coubertin não considerou o desporto como nada tendo a ver com a política quando fundou os modernos Jogos Olímpicos. Pelo contrário, esperava que as atividades desportivas pudessem melhorar as relações políticas entre as nações (p.229).

A partir da análise do quadro histórico, social e cultural do final do século XIX, é possível evidenciar que Coubertin jamais poderia ter ignorado a dimensão política do desporto, por duas razões. A primeira, porque era um homem que partilhava dos valores e das contradições políticas e sociais da sua época. A segunda, porque só por distração se pode pensar que um homem com a dimensão intelectual e cultural de Coubertin poderia se envolver em um projeto desprovido de valores políticos.

Repare-se que Coubertin, durante a sua vida, teve a oportunidade de assistir a três acontecimentos que, evidentemente, o marcaram profundamente. Foram a Comuna de Paris, em 1871, a I Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa, de 1917. A influência da Comuna de Paris, por exemplo, na idealização do ressurgimento dos Jogos da era moderna e a institucionalização do Movimento Olímpico, ocorreu, pois Coubertin estruturou os seus ideais sustentados em um profundo desejo de ultrapassar a enorme crise de degeneração em que os franceses se encontravam desde que o exército de Napoleão III (1808-1873) foi derrotado em Sedan, no dia 2 de setembro de 1870, pelo exército prussiano comandado por Otto von Bismarck⁵ (Coubertin, 1996).

Quem assistiu ao período conturbado que viveu a França, com a queda de Napoleão III e a Comuna de Paris, certamente teria muitas dificuldades em organizar seus projetos, acerca de qualquer atividade social, sem que tivesse considerações com as questões de ordem política. Para além do mais, em finais do século XIX, de uma maneira geral, todos os movimentos de educação física e desporto tinham, subjacentemente, preocupações políticas, patrióticas e militares, para além das higiénicas e educativas.

Ao se verificar as posições dos demais presidentes do COI, no quadro histórico no Movimento Olímpico, é possível apurar que são diversos os exemplos de uma estreita relação entre o Movimento Olímpico, o desporto e a política. Os presidentes do COI, de uma forma clara e aberta ou em uma perspectiva fechada e discreta, sempre tiveram do desporto uma posição política e utilizaram-se dela a fim de conseguir obter os efeitos que mais desejavam para as suas estratégias e

⁵ Otto von Bismarck foi o estadista mais importante da Alemanha do século XIX. Coube a ele lançar as bases do Segundo Império, ou 2º Reich (1871-1918), o que levou os países germânicos a conhecer, pela primeira vez, a existência de um Estado nacional único.

sucesso do desenvolvimento do desporto.

O primeiro grande exemplo das relações entre a política e o Movimento Olímpico surgiu quando Coubertin foi à Grécia, devido à desistência dos gregos quanto à oportunidade de realizarem, em Atenas, os Jogos da primeira Olimpíada da era moderna, em 1896. Desta sua visita e das relações políticas que influenciou, decorreu a queda do primeiro ministro grego Charilaos Tricoupis (1832-1896) (Coubertin, 1996). Dimitrius Vikelas⁶, antes de Coubertin, tinha estreitas relações políticas. Segundo Dolianitis (1995), os contatos escritos por Vikelas eram em sua maioria para políticos da época.

When reading the hundreds of documents in the D. Vikelas file in the National Library of Greece, with the thousands of letters, mostly from famous figures of politics ... we realize that his was a special personality that left an indelible mark in its path (p.105).

Henry de Baillet-Latour⁷, após Coubertin, considerava que o Movimento Olímpico não se desenvolveria se não estivesse integrado na política internacional, a partir de uma rede de relações entre aqueles que deviam liderar os destinos da Europa. Ele defendeu a sua perspetiva até os Jogos de Berlim (1936) com as suas relações diplomáticas com Adolf Hitler. Sustentando esta posição surge o relato de Asín (1998):

... El mayor Comité Olímpico Internacional tomó cartas en el asunto. Su presidente, el conde de Baillet-Latour, a quien no le fue fácil obtener audiencia, le amenazó con cambiar las sedes de los Juegos de verano y de invierno. Baillet-Latour solicitó asimismo del Führer garantías de igualdad para con los judíos alemanes. Hitler transigió de palabra: ya había comprendido que los Juegos podrían convertirse en una magnífica plataforma propagandística y no estaba dispuesto a dejar escapar la oportunidad de utilizarlos (p.9).

Sigfrid Edström⁸ foi um líder de transição. Edström manteve o COI em funcionamento durante a II Guerra Mundial e iniciou as hostilidades com a República Popular da China (RPC), já que a mesma entendia que o COI devia se submeter aos ditames da revolução maoísta. A insatisfação de Edström com os chineses, devido às manobras políticas da RPC, a fim de fazer afastar a República da China (RC) do Movimento Olímpico e dos Jogos, revelam bem quanto um

6 Demetrius Vikelas (1835-1908) era grego e foi primeiro Presidente do COI, de 1894 a 1896. Vikelas, em 1894, representou a Grécia e o *Pan-Hellenic Gymnastic Club* no Congresso de Paris onde o COI foi instituído. In: <http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents> Consultado em 25 de janeiro de 2013.

7 Henri de Baillet-Latour (1876-1942) era um Conde Belga e foi o terceiro Presidente do COI de 1925 a 1942; entrou como membro do COI em 1903 e em 1904 instituiu o Comité Olímpico Belga. In: <http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents> Consultado em 10 de dezembro de 2012.

8 Sigfrid Edström (1870-1964) era Sueco e foi o quarto Presidente do COI de 1946 a 1952; foi Chefe de Delegação no Jogos de 1908, 1920, 1924, 1928, 1932 e 1936. Em 1912 assumiu a liderança da *International Amateur Athletics Federation* (IAAF). Foi membro da Comissão Executiva e Vice-presidente do COI. In: <http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents> Consultado em 15 de dezembro de 2012.

presidente do COI, de nacionalidade sueca, um país neutro na II Guerra Mundial, se envolveu nas questões políticas do momento.

Avery Brundage⁹, por sua vez, foi o grande defensor do apolitismo desportivo, muito embora seja possível evidenciar que ele foi o mais político de todos os presidentes do COI. Quanto a Brundage deve-se a máxima de que o desporto não tinha, nem deveria ter relações com a política. E os casos mais evidentes de que isto não condizia com os fatos foi o seu envolvimento nos casos relativos à segregação racial na Rodésia e na África do Sul.

A posição de defesa do apolitismo desportivo de Brundage é sustentada por Brichford (s/d):

From 1955 to 1960, he (Brundage) proclaimed the Olympic Movement's "freedom from political intrigue and from dollar signs." In 1956 at Melbourne, he elaborated on this theme by stating that the Olympic Games "must not become a battleground for national ascendancy ... (p.63).

Michael Killanin¹⁰ resolveu como foi possível e com mestria, os problemas políticos deixados pelo seu antecessor, Brundage. Com sua discrição política, em uma perspectiva de "soft power", começou a resolver e resolveu muitos problemas que pareciam insolúveis no Movimento Olímpico, como foi o caso das "duas Chinas".

Então, sob a presidência de Michael Killanin, a 25 de outubro de 1979, deu-se por terminado um processo de mais de 20 anos sustentado numa política de "hard power" desencadeada a partir de 1952 por Brundage. Em consequência, a partir de então o CON da RCP ficou conhecido no COI como Comité Olímpico Chinês (COC). (Costa et al. 2011, p.38).

Antonio Samaranch¹¹ como político que era, embora não admitisse, colocou o Movimento Olímpico no centro da política internacional. O sucesso da liderança Samaranch em muito ficou a dever a sua adequada gestão das diferentes crises políticas em que o desporto esteve envolvido (Costa, 2012). Entretanto, até hoje, é difícil entender as palavras de um dirigente político e desportivo como foi Samaranch:

9 Avery Brundage (1887-1975) era norte-americano e foi o quinto Presidente do COI, de 1952 a 1972, entrou como membro, em 1936 e foi Vice-presidente, em 1945. Foi Presidente do Comité Olímpico dos Estados Unidos, de 1929 a 1953. Representou os USA nos Jogos de 1912, e foi por três vezes campeão norte-americano em decathlon amador. In: <http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents> Consultado em 25 de março de 2013.

10 Michael Morris Killanin (1914-1999), conhecido como Lord Killanin, era Inglês e foi o sexto Presidente do COI, de 1972 a 1980. Foi desportista no boxe, remo e hipismo e foi um jornalista famoso na "Fleet Street". Em 1952, tornou-se membro do COI, depois de ter chefiado o Conselho Olímpico da Irlanda, por 2 anos. In: <http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents> Consultado em 25 de março de 2013.

11 Juan Antonio Samaranch Torrelló (1920-2010) era espanhol e foi o sétimo Presidente do COI, de 1980 a 2001. Foi empresário e presidente dos deputados de sua província natal. Foi eleito membro do COI, em 1966, chefe de protocolos, em 1968 e membro de diversas comissões. Em 1970 se tornou membro da Comissão Executiva e Vice-presidente, de 1974 a 1978. In: <http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents> Consultado em 25 de março de 2013.

Nosotros estamos en un mundo maravilloso. Los políticos no hacen ninguna falta, hacen falta los atletas.¹²

Por fim, Jaque Rogge¹³ instituiu a posição política do “soft power” para tratar das mais diversas questões de ordem política em que o COI se envolveu, como foi o caso da violação dos direitos humanos na China. Esta posição de “soft power” se no passado serviu para levar o projeto Olímpico ao sucesso, nos tempos que correm está a colocar o desporto verdadeiramente ao serviço da humanidade. Disse Rogge:

Enquanto organização baseada em valores desportivos, não podemos mudar o mundo sozinhos. Mas podemos, e agimos neste sentido, ajudar a torná-lo um mundo melhor¹⁴.

Nacionalismo

A partir da leitura das atas das Sessões do COI é possível evidenciar que um dos problemas que Coubertin mais teve de revelar inteligência e paciência para resolver foi o dos nacionalismos nas nações da Europa, no final do século XIX e início do XX. Como era possível reunir pessoas que tinham lutado umas contra as outras nos campos de batalha e alguns países, no usufruto do “direito de guerra”, se apropriado de territórios? Na realidade, não foi só com inteligência e paciência que Coubertin conseguiu aquela proeza, foi também com perspicácia ao perceber que tinha de destemperar os fulgores nacionalistas que as mais diversas nacionalidades transportavam consigo, quando participavam em reuniões de cariz internacional. Na busca de uma solução para esta questão, Coubertin colocou os membros do COI acima dos seus países, determinando que eles não representavam o seu país no COI, mas o COI no seu país. Portanto, eles estavam lá para resolver problemas do COI, do desporto e do Movimento Olímpico e não problemas políticos dos respetivos países. É evidente que existem exemplos de que esta norma não foi devidamente respeitada, como ocorreu, em 1955, em uma conferência com as FIs e CONs onde o representante de Pequim fez um discurso 99% político.¹⁵ Lhe foi chamada a atenção e explicado que aquilo não era permitido. Brundage desculpou o fato dizendo que o membro do COI não sabia e pediu para isto nunca mais acontecer.

12 In: Jornal Marca, 30 de março de 2008 http://www.marca.com/2011/10/17/mas_deportes/otros_deportes/1318861556.html Consultado em 5 de abril de 2008.

13 Jacques Rogge (1942-) é Belga e o oitavo Presidente do COI, de 2001 a 2013. Rogge é médico especializado em cirurgia ortopédica, tendo iniciado a sua carreira desportiva no iatismo, tendo participado dos Jogos de 1968, 1972 e 1976. Foi membro da equipa nacional de Rugby, foi Presidente do Comité Olímpico Nacional Belga, de 1989 a 1992 e Presidente do Comité Olímpico Europeu em 1989. Eleito membro do COI, em 1991 e membro da Comissão Executiva em 1998. In: <http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents> Consultado em 25 de março de 2013.

14 Discurso de Jacques Rogge no XIII Congresso Olímpico que se realizou, de 3 a 5 de outubro de 2009, em Copenhaga, Dinamarca. In: <http://olympic.org/contend/the-ioc/congress/xiii-olympic-congress> Consultado em 15 de janeiro de 2011.

15 In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.20.

A questão do nacionalismo coloca-se, muitas vezes, quando as autoridades dos países querem interferir politicamente nos CONs e Fls. Esta situação acontecia em muitas circunstâncias nos países do Leste e em Cuba,¹⁶ não só com a acumulação das autoridades da administração pública em lugares de direção em diversos CONs, mas também com a entrada para o COI, o que pervertia o espírito de independência da instituição.

Na 72ª Sessão do COI, realizada em 1972, esta situação foi evidenciada por Brundage relativamente à Venezuela, cujo governo tinha aprovado uma lei que interferia com a liberdade do CON local:

President Brundage stated that the most glaring instance of this was the case of Venezuela, but that the disease seemed to be contagious, particularly in other Latin-American countries. To sum up the situation, he said that the government of Venezuela had adopted a law to the effect that it deprived the NOC of its autonomy.¹⁷

A solução adotada foi enviar uma carta para o CON da Venezuela com o aviso de que ou as restrições impostas pelo governo eram retiradas no prazo de 90 dias, ou o CON deixaria de ser reconhecido pelo COI.¹⁸

Em verdade, a ideia inicial de Coubertin foi a de desligar a competição desportiva da identidade nacional, o que se veio a revelar um objetivo contra natura. Para ele, as disputas deviam acontecer entre Homens em uma competição organizada, nobre e leal que transpusesse para os campos desportivos as rivalidades políticas e culturais que massacravam os povos da Europa.

Portanto, em termos teóricos, não são os países que estão a competir, são os atletas que competem. Contudo, uma coisa é a teoria e outra são os fatos. Muito embora o COI não admita uma classificação nos Jogos por países, desde o ressurgimento deste megaevento que os países e governos desejam associar-se às vitórias conseguidas nos terrenos desportivos.

Tem-se dois exemplos que evidenciam esta posição. O primeiro ocorreu, em 1956, quando Brundage recebeu uma carta da Holanda dizendo que os Jogos não podiam ser usados para fins nacionalistas. Na carta é dito que os Jogos estavam começando a ser por países e não por atletas e isto esta contra o espírito Olímpico.¹⁹ O segundo exemplo ocorreu em 1980, quando Richard Pound²⁰ defendeu que existia um grande nacionalismo ligado aos Jogos, ele solicitou

16 In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.50.

17 In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.32.

18 In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.35.

19 In: Ata da 51ª Sessão do COI - Cortina D'ampezzo, 24 a 25 de janeiro de 1956, p.3.

20 Richard William Duncan Pound (1942-) é canadense, entrou para o COI em 1978. Foi membro da Comissão Executiva, de 1983 a 1991 e, de 1992 a 1996; Vice-presidente do COI, de 1987 a 1991 e de 1996 a 2000. Foi Presidente dos seguintes Comissões: Proteção dos Jogos Olímpicos, de 1981 a 1983; Negociações dos Direitos Televisivos, de 1983 a 2001; Marketing, de 1988 a 2005; Coordenação para os Jogos da XXVI Olimpíada de Atlanta (1996), de 1991 a 1997; Estudo dos Jogos Olímpicos, de 2002 a 2003; e Vice-presidente da Comissão de Elegibilidade, de 1990 a 1991. In: <http://www.olympic.org/mr-richard-w-pound> Consultado em 15 de janeiro de 2013.

uma solução, inclusivamente aproveitando a entrada do novo presidente do COI, Samaranch. Pound sugeriu que fossem retirados os nomes dos países da cerimónia de abertura dos Jogos, deixando apenas o nome dos CONs.²¹

Adolf Hitler, John Kennedy e Pierre Trudeau

O uso do desporto para fins políticos nacionalistas também pode ser evidenciado em, pelo menos, três importantes momentos da história do desporto moderno. O primeiro foi o caso da utilização por Adolf Hitler dos Jogos de Berlim (1936); o segundo foi a utilização, a pedido de John Kennedy, de uma edição da banda desenhada “Super-Homem” visando os Jogos de Tóquio (1964); sendo o terceiro momento a construção do nacionalismo canadiano, a partir de 1970, por Pierre Trudeau.

Adolf Hitler, perante conviência de seu regime político, fez dos Jogos de Berlim (1936) um autêntico hino ao nazismo que Leni Riefenstahl (1902-2003) consagrou no filme *Olympia*, que viria a ser considerado uma obra-prima da filmografia moderna. A partir de então, muitos regimes políticos utilizaram do desporto como ferramenta política.

O Presidente dos USA, John Kennedy (1917-1963), adotou uma estratégia um tanto quanto inusitada para promover o nacionalismo em seu país, utilizando para isso os Jogos de 1964. Ele buscou mobilizar a juventude norte-americana através de uma banda desenhada do Super-Homem. A edição estava preparada para ser publicada na revista “Superman” n.º168 de abril de 1964, no ano dos Jogos de Tóquio. A estória dizia:

O Super-Homem salva um grupo de estudantes europeus e americanos de uma avalanche. Após o ocorrido, os europeus dão entrevistas e se mostram dispostos, enquanto os americanos estão cansados e indispostos. O presidente dos Estados Unidos, que viu a notícia pela televisão, lamenta o estado físico dos jovens americanos e resolve pedir ao Super-Homem que os incentive a praticar desporto.²²

Porém, Kennedy foi assassinado em 22 de novembro de 1963, em Dallas, no Texas. Já na imprensa, a estória foi cancelada, sendo publicada mais tarde, a pedido do Presidente Lindon Johnson (1908-1973) e da família Kennedy, como um tributo ao estadista.

O terceiro caso de uso do desporto para fins nacionalistas foi o canadiano. Nos Jogos de Roma (1960), os canadianos conseguiram somente uma medalha de prata no remo, porém, em 1970, segundo Kidd (1996), o investimento no desporto aumentou significativamente na administração de Pierre Trudeau. O desporto no Canadá profissionalizou-se, os atletas começaram a ser pagos pelo Estado e foram fundadas diversas organizações profissionais para acelerar o seu

21 In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho e 3 de agosto de 1980, p.37.

22 In: Almanaque Superman (1965). http://www.universohq.com/quadrinhos/2004/review_almanaque_superman1965.cfm Consultado em 23 de agosto de 2008.

desenvolvimento. Trudeau esperava que uma participação Olímpica de sucesso poderia promover a unidade nacional. Estes esforços foram ainda incrementados com uma política muito agressiva de realização de grandes eventos internacionais, construção de novas instalações desportivas, formação de novas lideranças e mobilização da população através dos resultados das equipas nacionais.

5. Boicotes

Pela leitura das atas das Sessões do COI é possível verificar que a maioria dos seus membros evitavam a palavra boicote aos extremos. Samaranch, quando chegou à presidência do COI, no discurso proferido no XI Congresso Olímpico de 1981, realizado em Baden-Baden, na antiga Alemanha Oriental, sobre as conversações que tinha tido com os atletas, fez questão de frisar no seu discurso:

Je tiens à mentionner que le mot 'boycottage' n'a pas été prononcé une seule fois pendant nos débats.²³

Ao cabo de quase 120 anos do Movimento Olímpico moderno, é possível evidenciar que as ameaças de boicotes, que foram ou não consumados, têm sido usadas como arma política pelos mais diversos motivos, tendo o COI conseguido superar a maioria destas situações.

O que se pergunta é: Qual a utilidade dos boicotes? O que é que aconteceria se um boicote não ocorrido tivesse tido êxito? O que é que aconteceria se um boicote com êxito não tivesse ocorrido? A simples ameaça de boicote pode proporcionar os resultados pretendidos?

Evidencia-se que não é possível responder às questões levantadas para além de elaborar umas tantas especulações. O desencadear da II Guerra Mundial, pela Alemanha, em 1939, poderia ter sido evitado caso a ameaça de boicote aos Jogos de 1936 tivesse êxito? É pouco provável, contudo, ninguém o pode dizer com certeza absoluta. Como também ninguém pode dizer com certeza absoluta que, se o boicote de alguns países ocidentais liderados pelos EUA aos Jogos de Moscovo (1980) não tivesse sido realizado, Mikhail Gorbatchev não teria ascendido ao poder, a Perestroika não se tinha desencadeado e o muro de Berlim não tinha caído.

Sobre a utilidade da ameaça de boicote aos Jogos de Seul (1988), hoje, parece haver algum consenso acerca da abertura política acontecida na Coreia do Sul, que, de alguma maneira, ocorreu devido à realização dos Jogos da XXIV Olimpíada. Tal como parece ter tido êxito a ameaça de boicote protagonizada pelos países africanos contra a participação da África do Sul e da República da Rodésia nos Jogos de Munique (1972) que, provavelmente acelerou as quedas dos regimes Frederik de Klerk e de Ian Smith.

Devido a necessidade de uma delimitação dos casos a serem apresentados em mais detalhes, optou-se por citar neste texto apenas dois casos de boicotes

23 In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 2 de outubro de 1981, anexo I.

realizados, Moscovo (1980) e Los Angeles (1984) e de uma ameaça de boicote, Pequim (2008).

5.1 Moscovo (1980)

Seguiu-se ao boicote de Montreal (1976) o dos Jogos de Moscovo (1980). O COJO de Moscovo havia escolhido uma frase para os Jogos: “Olimpíada: Em nome da paz para glória do desporto”. Entretanto, em finais de 1979, em protesto contra a invasão do Afeganistão pela URSS, o presidente norte-americano Jimmy Carter anunciou o boicote dos EUA aos Jogos de Moscovo (1980). Depois do anúncio, 69 países aliados solidarizaram-se com a posição norte-americana.

Contudo, os países terem-se solidarizado não quer dizer que se tenham solidarizado os CONs dos respetivos países. Por exemplo, o Comité Olímpico dos Estados Unidos da América opôs-se radicalmente contra o boicote, considerando-o um atentado contra a liberdade do Movimento Olímpico. Por fim, por presumíveis pressões políticas, o CON, no relatório que fez, limitou-se a dizer que não aceitava o convite da COJO de Moscovo (1980), não utilizando para isso a palavra boicote.

Esta era uma atitude de “hard power” dos EUA, utilizando-se dos Jogos para demonstrar a sua insatisfação política pela invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas. Evidencia-se que os USA tinham o direito de o fazer, porém, o que fica por saber é se não teria sido muito pior para os Soviéticos se os EUA e demais países em uma estratégia de “soft power” fossem para os Jogos, quer dizer, para o centro do sistema soviético naquele momento, denunciar precisamente a política imperialista da URSS.

A questão que se colocou imediatamente a seguir ao anúncio do boicote foi acerca do direito que o COJO de Moscovo (1980) tinha de utilizar as bandeiras e os hinos dos países que estavam a boicotar os Jogos. E a este respeito a 83ª Sessão do COI, realizada em Moscovo em 15 de julho de 1980, foi problemática, chegou a ser considerada a hipótese de serem completamente suprimidas dos Jogos as demonstrações nacionalistas, que eram as bandeiras e os hinos dos respetivos países. De fato, tendo em consideração os valores do passado e o espírito da Carta Olímpica, tanto as bandeiras como os hinos não deveriam fazer parte das cerimónias dos Jogos.

Nestes termos, as posições dos membros do COI eram controversas. Andrianov²⁴, membro soviético do COI declarou:

Ne doivent pas faire preuve de rapidité pour prendre une décision sur une question aussi importante telle que de changer la Charte Olympique pour

24 Konstantin A. Andrianov (1910-1988) foi o primeiro representante do COI para a União Soviética, admitido em 1951. Foi Vice-presidente do COI, de 1962 a 1974 e membro da Comissão do Programa Olímpico. Esteve no comando do Comité Olímpico Soviético, até 1975. In: <http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/UCSD/UCSDKeys.pdf> Consultado em 15 de dezembro de 2012.

les drapeaux et les hymnes olympiques. Le lever du drapeau et l'hymne ont un impact éducatif considérable sur la jeunesse du monde. En Union Soviétique, les athlètes qui ont obtenu un succès dans la compétition se voient souhaiter la bienvenue avec un grand enthousiasme car leur exemple doit être suivi par des centaines de milliers de jeunes gens. Il estime qu'il faut demander leur avis aux C.N.O. à cet égard car le lever des drapeaux affecte aussi leurs intérêts. Une décision sur cette question devrait être retardée jusqu'au Congrès olympique.²⁵

Andrianov não podia ter tido outra posição. Porém, a posição de Exeter²⁶ ia no sentido de acabar com o nacionalismo que caracterizava muitos eventos desportivos e disse:

... trop d'emphase est mise sur les drapeaux et les hymnes et estime que l'on pourrait supprimer un peu du nationalisme.²⁷

A situação foi de alguma maneira salva por Havelange²⁸ que surgiu com uma eventual solução:

... les règles sont faites pour être observées en ce qui concerne les cérémonies d'ouverture et de clôture aussi bien que la cérémonie de remise de médailles et que le drapeau doit être hissé et l'hymne joué. Cependant, si certains C.N.O. sont dans l'impossibilité d'avoir leur drapeau national ou de faire jouer leur hymne national, ils doivent être autorisés à utiliser le drapeau et l'hymne olympiques.²⁹

Samaranch afirmou ser contra a utilização das bandeiras e dos hinos, porque era uma questão de direito internacional e como os EUA defendiam, o COJO de Moscovo não tinha o direito de utilizar a bandeira americana sem autorização das autoridades americanas. Assim, a decisão ficou para ser tomada posteriormente pela Comissão Executiva.

Na cerimónia de abertura dos Jogos o presidente soviético Leonid Brejnev (1906-1982) teve a oportunidade de lamentar a interferência política em eventos de ordem desportiva idealizados para construir a paz. De fato, a posição dos EUA, tendo sido de força, acabou em uma enorme fraqueza, desde logo porque uma cidade americana, Los Angeles, iria organizar a próxima edição dos Jogos, em 1984. Na cerimónia de abertura dos Jogos são tradicionalmente hasteadas

25 In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.41.

26 David Cecil (1905-1981), também conhecido como Marques d'Exeter, foi Vice-presidente do COI, de 1954 a 1966; Presidente da Associação Internacional das Federações de Atletismo, de 1946 a 1976; e Presidente da Associação Amadora de Atletismo, de 1936 a 1976. Em 1946, esteve na Presidência da Federação Internacional de Atletismo Amador. In: *Olympic Review*, novembro de 1981, nº 169 p.651-652.

27 In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.42.

28 Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange (1916-), mais conhecido como João Havelange, é brasileiro, advogado, empresário, ex-atleta e dirigente desportivo. Foi Presidente da FIFA, de 1974 a 1998 e membro do COI, de 1963 a 2011. In: <http://library.la84.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/1996/oreXXV7/oreXXV7q.pdf> Consultado em 10 de janeiro de 2013.

29 In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.42.

três bandeiras: a do país da cidade organizadora, a grega e a do país onde se vão organizar os próximos Jogos. Em consequência de todo o enredo, na cerimónia de abertura dos Jogos de Moscovo (1980) no lugar da bandeira dos EUA foi hasteada bandeira branca.

Los Angeles (1984)

Depois de Moscovo (1980) estava mais um boicote à vista, era o boicote dos soviéticos e seus países satélites aos Jogos de Los Angeles (1984).

Na realidade, os soviéticos, tanto na cerimónia de abertura dos Jogos de Moscovo (1980) como na de encerramento, não se inibiram em mostrar ao Mundo a indiferença que tinham ficado com a ausência dos EUA e dos seus países aliados. Neste contexto, na reunião da 83ª Sessão do COI, realizada em Moscovo, de 15 de julho a 3 de agosto de 1980, os soviéticos, através de Smirnov³⁰, Presidente do Comité Olímpico Soviético, passaram a “jogar” com os norte-americanos criando-lhes a expectativa de que, afinal, até poderiam ir aos Jogos de Los Angeles (1984). Um dos pontos da ordem de trabalhos da 83ª Sessão do COI era precisamente a apresentação por Peter Ueberroth³¹ do relatório referente ao andamento dos trabalhos conducentes à organização dos Jogos de Los Angeles (1984). Depois de muitas questões de ordem técnica, alojamento, distâncias, alimentação, transportes, etc., Smirnov fez notar que no relatório de Ueberroth nada constava sobre o protocolo, que se sabia era a melhor porta de entrada para as questões políticas. Então, Smirnov pediu que o COJO de Los Angeles garantisse que:

... teams entering the United States on the occasion of the Olympic Games would not be discriminated against, and that the Rules concerning the opening and closing ceremonies would be respected.³²

Smirnov também referiu os incidentes ocorridos durante os Jogos de Inverno de Lake Placid (1980) onde, em alguns locais dos Jogos que eram território olímpico, fizeram-se apelos para que se boicotassem os Jogos de Moscovo. Smirnov pediu a Ueberroth que garantisse que o Governo dos EUA não tomaria medidas que pudessem contrariar as regras e a ética do Movimento Olímpico.³³

30 Vitaly Smirnov (1935-) é russo e o membro mais antigo do COI. Foi Presidente do CON da Rússia, de 1992 a 2001; membro da Comissão Executiva do COL, de 1974 a 1978 e, de 1986-1990; Vice-presidente do COI, de 1978 a 1982, de 1990 a 1994 e, de 2001 a 2005; Presidente da Comissão de Elegibilidade, de 1992 a 1999; e Membro do Conselho da Ordem Olímpica, de 1978 a 1982, e de 1991 a 1995 e de 2003 a 2004. In: <http://library.la84.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/1991/ore281/ORE281j.pdf> Consultado em 30 de janeiro de 2013.

31 Peter Victor Ueberroth (1937-) foi presidente do Comité Olímpico do Estados Unidos até 2008. Como presidente do COJO de Los Angeles (1984), recebeu medalha de ouro da Ordem Olímpica devido a sua colaboração. Foi nomeado pela revista Time “Man of the year”, em 1984. In: *Olympic Review*, nº 192, outubro de 1983, p.627.

32 In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.17.

33 In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.18.

Ueberroth garantiu a Smirnov que não existiriam discriminações relativamente a qualquer atleta, assegurando ainda que as regras do COI seriam respeitadas em todos os aspetos, incluindo o protocolo das cerimónias, pelo que confirmou que o Mayor de Moscovo seria muito bem recebido, para além de garantir que o COJO de Los Angeles proibiria a utilização de propaganda em território Olímpico.

Por fim, os soviéticos ajustaram as contas com os norte-americanos ao boicotarem os Jogos de Los Angeles (1984), o que prejudicou os CONs e atletas que por muitos anos se dedicaram ao desporto para estarem aptos a participar nos Jogos.

Pequim (2008)

Quanto aos Jogos de Pequim (2008), desde 2001, ano em que foi atribuída pelo COI a responsabilidade a China de receber os Jogos, que as mais diversas organizações começaram a manifestar-se contra essa decisão, devido aos problemas relativos ao Tibete e ao desrespeito aos direitos humanos na China.

Entretanto, estas questões deixaram de ter grande evidência até a contestação contra o regime chinês no Tibete iniciada, em 10 de março de 2008, que mostrou ao mundo e às autoridades chinesas que os tibetanos continuam a preservar os seus sentimentos de liberdade e a manter a sua identidade cultural, que vinha sendo menosprezadas pelo regime de Pequim. Para reivindicar a sua causa, os tibetanos aproveitaram os Jogos Olímpicos, porém a resposta do regime de Pequim foi a de enviar tropas, a fim de colocar em ordem os independentistas tibetanos.

Novamente surgiu a possibilidade de um boicote. Contudo, as opiniões sustentavam que um boicote não iria resolver nada. Inclusivamente, o presidente George W. Bush apressou-se a dizer que estaria presente, no dia 8 de agosto de 2008, na cerimónia de abertura dos Jogos de Pequim (2008).

O que se evidencia é que no caso de Pequim (2008), não se tratou de promover um boicote, tratou-se de, como fez o presidente do Parlamento Europeu, ameaçar com a possibilidade de um boicote, tendo por objetivo manter os valores da paz e da democracia. No caso dos Jogos de 2008, seria pior para o desporto, para o Movimento Olímpico e para os Direitos Humanos na China se um boicote fosse realizado pelos países do ocidente. Em verdade, é com a realização dos Jogos Olímpicos que o desporto se envolve positivamente na política e não com qualquer boicote.

6. Considerações finais

Tendo sido o eixo norteador deste trabalho apresentar uma análise sócio-histórica da relação entre o desporto e a política, nestas considerações finais é possível evidenciar que foram diversos os casos que explicitam esta relação. A importância do esclarecimento das possíveis formas de utilização do desporto como ferramenta política ou instrumento de manipulação é de grande importância

para que as mais diversas pessoas envolvidas no desporto, principalmente os gestores do desporto estejam cientes de que o desporto não está imune das pressões e manipulações políticas, tanto internas como externas.

Sustentando esta posição, neste texto, a relação entre o desporto e a política foi evidenciada em três diferentes perspetivas. A primeira foram as relações e posições políticas dos Presidentes do COI em diferentes situações. A segunda perspetiva evidenciou o uso do desporto para fins políticos de ordem nacionalista. Sendo a terceira perspetiva a utilização do desporto como ferramenta política para efetivar ou ameaçar a realização de boicotes aos Jogos Olímpicos.

Quanto às relações políticas e posições dos Presidentes do COI, Dimitrius Vikelas teve estreitas relações políticas, evidenciadas em seus contatos escritos com políticos da época; das relações políticas de Pierre de Coubertin decorreu a queda do primeiro ministro grego Charilaos Tricoupis; Henry de Baillet-Latour manteve relações diplomáticas com Adolf Hitler a propósito dos Jogos de Berlim (1936); Sigfrid Edström iniciou hostilidades com a República Popular da China, que defendia que o COI devia se submeter à política maoista; Avery Brundage esteve envolvido nos casos de segregação racial na Rodésia e na África do Sul; Michael Killanin começou a resolver e resolveu muitos problemas políticos que pareciam insolúveis no Movimento Olímpico, como foi o caso das “duas Chinas”; Antonio Samaranch, embora não admitisse, colocou o Movimento Olímpico no centro da política internacional; por fim, Jaque Rogge instituiu a posição política de “soft power” para tratar das mais diversas questões de ordem política em que o COI se envolveu, como foi o caso da violação dos direitos humanos na China.

No que respeita o uso do desporto para fins nacionalistas, mesmo sendo a ideia inicial de Coubertin o distanciamento entre as competições desportivas e a identidade nacional, o que se pode evidenciar é que, até os dias de hoje, as grandes competições internacionais sempre estiveram ligadas ao fomento do nacionalismo. A estratégia inicial de Coubertin para gerir esta questão foi determinar que os membros do COI não representavam o seu país no COI, mas o COI no seu país, destemperando os fulgores nacionalistas que as mais diversas nacionalidades transportavam consigo, quando participavam em reuniões de cariz internacional. A questão do nacionalismo colocou-se, muitas vezes ao longo da história do desporto moderno, quando os decisores políticos tentavam interferir nos CONs e FIs, seja através da acumulação das autoridades da administração pública em lugares de direção ou com a entrada de pessoas de confiança para o COI. Quanto a utilização do desporto por chefes de Estado para fins nacionalistas é possível evidenciar três casos. Quando Adolf Hitler utilizou os Jogos de Berlim (1936) para divulgar o nazismo; quando John Kennedy solicitou uma edição da banda desenhada “Super-Homem” visando os Jogos de Tóquio (1964); e quando Pierre Trudeau utilizou o desporto para a construção do nacionalismo canadiano.

Além da utilização do desporto para fins nacionalistas, o desporto também foi utilizado como ferramenta política através dos boicotes. A partir da análise

sócio-histórica que estruturou este texto, pode-se evidenciar que “boicote” foi uma palavra e um assunto evitado pelos membros do COI, ao longo de sua história. Entretanto, o que a realidade histórica mostra é que a efetivação ou ameaça de boicote aos Jogos Olímpicos foi, por muitas vezes, utilizado como ferramenta política por diferentes Nações. Em protesto contra a invasão do Afeganistão pela URSS, Jimmy Carter anunciou o boicote dos EUA aos Jogos de Moscovo (1980), levando 69 países aliados a solidarizarem-se com a posição norte-americana. Entretanto, os países terem-se solidarizado não quer dizer que se tenham solidarizado os CONs dos respetivos países. Esta foi uma atitude de “hard power” dos EUA, utilizando-se dos Jogos para demonstrar a sua insatisfação política, porém, a dúvida que fica é se não teria sido melhor se os EUA e demais países aliados, em uma estratégia de “soft power”, fossem para os Jogos Olímpicos dentro do sistema soviético, denunciar a política imperialista da URSS. Depois de Moscovo (1980) surgiu o boicote dos soviéticos e seus países satélites aos Jogos de Los Angeles (1984). Mesmo com o acordo do não envolvimento de questões políticas nos Jogos de Los Angeles, a URSS boicotou os Jogos em uma evidente atitude de retaliação, novamente quem saiu perdendo foram os CONs e os atletas que ficaram envolvidos em um esquema de manipulação política em que o desporto nada ganhou.

Em relação a utilidade das ameaças de boicote, Pequim (2008) foi um excelente exemplo. Devido aos problemas no Tibete e ao desrespeito aos direitos humanos na China, estes Jogos sofreram consideráveis pressões e ameaças de boicote. Entretanto, no caso de Pequim (2008), não se tratou de promover um boicote efetivo, mas ameaçar com a possibilidade de um boicote, tendo por objetivo manter os valores da paz e da democracia. Caso um boicote fosse realizado pelos países do ocidente, a China não teria sofrido a grande pressão externa que teve e que levou o país a uma maior flexibilização em suas políticas. Além disso, os maiores prejudicados continuariam a ser o desporto, o Movimento Olímpico e até mesmo os direitos humanos na China. Por fim, o que se defende é que é com a realização dos Jogos Olímpicos que o desporto deve se envolver positivamente no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e pacífica, e não com a efetivação de boicotes ou manipulações políticas de qualquer ordem.

Bibliografia

- Arnaud, P., Riordan, J. (1998). *Sport and International Politics*. USA: Routledge.
- Asín, F. E. (1998). *La política en las olimpiadas de Berlín 1936*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics, UAB. In: http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp080_spa.pdf Consultado em 15 de julho de 2012.
- Boniface, P. (2006). *Football et Mondialisation*. Paris: Armand Colin.
- Brichford, M. (s/d). *Avery Brundage: Money and Olympic Ideology - Critical Reflections on Olympic Ideology*. Centre for Olympic Studies, University

- of Illinois. In: <http://library.la84.org/SportsLibrary/ISOR/ISOR1994j.pdf>
Consultado em 22 de novembro de 2012.
- Costa, A. V., Pereira, E., Mascarenhas, M., Correia, P., & Pires, G. (2011). Olimpismo e “Soft Power”. De Atenas (1896) a Pequim (2008). *Materiales para la História del Desporte*, 9, 23-42.
- Costa, A. V. (2012). *Estratégias das Organizações Desportivas. As Grandes Linhas Ideológicas de Orientação Estratégica do Comité Olímpico Internacional: de Atenas (1896) a Pequim (2008)*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade Técnica de Lisboa.
- Coubertin, P. de. (1996). *Mémoires Olympiques*. Paris: Editions Revue.
- Dolianitis, G. (1995). *The IOC's Centenary 1894-1994. The Contribution of Demetrius Vikelas to the revival of the Olympic Games*. Lausanne: International Olympic Committee. In: <http://www.ioa.org.gr/files/pdf/1994.pdf> Consultado em 10 de outubro de 2011.
- Freitas, M. T. (2003). *A Pesquisa na Perspectiva Sócio-Histórica: um Diálogo de Paradigmas*. Poços de Caldas: Novas Políticas. In: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/.../semariateresaassuncaofreitas.rtf> Consultado em 10 de agosto de 2009.
- Hill, C. R. (1992). *Olympic Politics*. UK: Manchester University Press.
- Kidd, B. (1996). *The Struggle for Canadian sport*. Toronto: University of Toronto Press.
- McIntosh, P. C. (1975). *O Desporto na Sociedade*. Lisboa: Prelo.
- Pires, G. (2009). O Olimpismo Hoje: De uma Diplomacia do Silêncio para uma Diplomacia Silenciosa: O Caso das Duas Chinas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 15, 73-153.
- Slack e Parent (2006). *Understanding Sport Organizations. The Application of Organization Theory*. Europe: Human Kinetics.